

# A periculosidade da filosofia

## The dangerousness of philosophy

FELIZ LUIZ<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo intenta defender uma certa visão de filosofia compreendida tanto como estratégia histórica, a partir de certos trabalhos de Foucault, como uma filosofia eminentemente voltada à prática política, de modo a estar vinculada com os destinos do Brasil e do mundo. Para tanto, busca-se recuperar os trabalhos de Heidegger sobre o conceito de filosofia, e, mesclando-os com aqueles de Aristóteles, chegar às determinações concernentes às origens da filosofia, colocando-o em perspectiva relativamente às formas pristinas de se fazer filosofia. Posteriormente, fazendo um salto temporal, tentamos nos desfazer de uma visão de irracionalismo tal qual apregoadado por Lukács, para defender a racionalidade do governo brasileiro no que tange aos seus métodos. Por fim, defende-se uma visão de filosofia enquanto prática política, tal qual já exposto.

**Palavras-chave:** Estratégia. Foucault. Loparic. Prática política. Brasil

**Abstract:** The paper intends to defend a vision of the philosophy understood as a historical strategy, concept extracted from some works of Foucault, as a philosophy eminently turned to the political practice, connected with the Brazilian and Earthling fate. For that, we strive to recuperate the works of Heidegger on the concept of philosophy, and, mingling them with those of Aristotle, to arrive into the determinations concerning the origins of philosophy, putting it in relation with the pristine ways of philosophy making. After that, in a temporal jump, we strive to free ourselves from a vision of the irrationalism as proclaimed by Lukács, to defend the rationality of the Brazilian government in its methods. At the end, we defend a vision of philosophy as a political practice, as we already said.

**Keywords:** Strategy. Foucault. Loparic. Political Practice. Brazil

### Introdução: Filosofia e prática

Martin Heidegger é um dos filósofos mais polêmicos; por isso mesmo sua obra segue instigando reflexões. Suas ligações com o nazismo, e o fato de boa parte da extrema-direita reivindicar seus escritos, como mostra Farias (2017), deve nos colocar em alerta sobre o corolário de seu pensamento. Toda filosofia é, diz Lukács (1959), situada, e os escritos dos filósofos não são inocentes, mera especulação, como aquela anedota de Tales caindo no poço, que Esopo narra tão vividamente, demonstra. Há outra anedota sobre Tales, que aponta que o primeiro dos filósofos ganhou muito dinheiro quando indagado para que servia suas *historie*, "investigações", mostrando destarte as ligações que o pensamento filosófico

---

<sup>1</sup> Bacharel (2018), Mestre (2021) e Licenciado (2022) em Filosofia pela Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, campus Marília, foi bolsista PIBIC-CNPq no período 2008-2010, tendo atuado principalmente nos seguintes temas: História da Filosofia (em torno de Michel Foucault) Filosofia Política, Psiquiatria e Psicanálise. Posteriormente, dedicou-se a pesquisar as relações entre o pensamento libertário e o pós-estruturalismo francês. E-mail: gumapoldo51@yahoo.com.br

entretém com a prática muito concreta. Assim, nos precavámos diante de escritos aparentemente indenes.

Heidegger dá uma pista metafilosófica sobre como determinar o que é a filosofia, o que, para ele, passa pela senda genealógica que o nome determina. Todos os que fazem profissão de fé filosófica conhecem bem a história: da união dos vocábulos gregos *philein* e *sophos* surgiu o nome *philosophía*, introduzido pelos pitagóricos, enquanto Heráclito teria sido o primeiro a falar de um *aner philosophos* (HEIDEGGER, 1957). O contexto do pitagorismo expressa bem como a filosofia era pensada como atividade essencialmente prática, posto que os pitagóricos, antes de serem uma corrente filosófica, eram uma seita mística, com uma dietética própria, bem como possuindo crenças idiossincráticas. A filosofia era entendida como parte desta ascese, no sentido grego que o termo *askesis* guarda, isto é, exercícios.

A pista de Heidegger indica que, tendo surgido entre os gregos, a filosofia seria grega e guardaria uma relação ontológica com a história do Ocidente, desvelando, na clareira do ser, um destino. Como se vê esta posição historicista exclui outras formas de pensamento do rol da filosofia, formas estas extremamente elaboradas, como as produções chinesas e indianas, tais quais Confúcio e Mo Ti, do lado chinês (YIH-CHUNG, 1961) e Kautilya, pensador indiano (LIZAR, 2015), dentre outras, como mostra Tempels, já por nós analisado alhures. Reflexões recentes de nossa lavra debatem se a filosofia não guardaria relações com uma civilização, sendo assim mais diligente nomear as diferentes produções segundo suas próprias tradições, não diluindo a diversidade humana em uma razão supostamente universal, de modo a preservar o fundo democrático desta pluralidade. Questão em aberto, não nos aventuraremos por ela. Basta mostrar, como fez Toynbee (1960) as ligações que a filosofia mantinha com a civilização helênica, fruto mais duradouro desta, e como com a chegada das religiões orientais outra civilização surgiu, portando ideias novas. Mas, diz Toynbee, foi a religião oriental que foi se adequar à filosofia, não o contrário.

À senda heideggeriana, de que é necessário seguir o nome para se descobrir o que é filosofia, se pode acrescentar outras três pistas, dadas desta vez por Aristóteles. Na *Metafísica* o Estagirita aponta que a filosofia é fruto do maravilhamento (*thaumazdein*); que ela surgiu primeiramente nas sociedades onde as ciências da utilidade já estavam constituídas; e que ela é fruto do ócio. A primeira diz respeito a um *pathos*, certa disposição de espírito que algumas pessoas sentem diante do ser, de onde se sintam maravilhadas; muitas vezes o termo *thaumazdein* foi traduzido como "espanto", mas a raiz do verbo é clara; Heródoto chama, por exemplo, as pirâmides do Egito de *thaumata*, "maravilhas"; espanto parece passar uma ideia negativa, como quando se toma um susto, mas o que o verbo quer dizer é uma ideia positiva de espanto, razão pela qual o vertemos como maravilhamento. As duas outras pistas nos mostram que a filosofia surgiu de uma sociedade de classes

onde alguns, pautados no trabalho escravo, o qual, para Aristóteles, era natural, podiam gozar do ócio e se dedicar às atividades especulativas.

Podemos inferir, pois, que os caminhos indicados por Heidegger nos conduzem a certas determinações da filosofia: um exercício, surgido do maravilhamento com o ser, em uma sociedade de classes, sustentada pelo trabalho escravo, que visava, como aponta Aristóteles, apreender o ser ele mesmo. A estas determinações, poderíamos acrescentar outras. Por exemplo, a filosofia, ou ao menos a tradição filosófica grega, como toda a literatura aponta, surgiu nas colônias da Jônia. A explicação geralmente fornecida é que, nas colônias a religião e os mitos, formas mais tradicionais de explicação do mundo, encontravam-se enfraquecidas. Além disso, como as metrópoles eram dominadas por ricos senhores de terra, estes se opunham às inovações, enquanto que em muitas das colônias, surgidas exatamente devido à concentração de terra nas metrópoles, havia uma classe de comerciantes, que alguns querem chamar de burguesia, que incentivavam novas formas de investigação do mundo. Talvez, o próprio fato de serem colônias acossadas pelo perigo persa tenha incentivado a busca de novas soluções. Também o contato com outras civilizações e suas formas de explicação do mundo pode ser um fato. Há ainda um caráter étnico, posto que se tratava de colônias sobretudo jônias, um dos povos formadores dos gregos (PRATES E SILVA, 1992; VERNANT, 1962).

Assim, teríamos mais uma determinação: a filosofia seria própria daqueles descontentes com as tradições do mundo grego até então, notadamente a posse da terra nas mãos de poucas famílias de latifundiários e os mitos, que sustentavam esta sociedade. Em seu estudo sobre Heráclito, Berge (1969) nos informa que a própria ideia de *logos*, introduzida por Heráclito, um dos primeiros filósofos, daria mostras desta indisposição frente aos mitos. Como se sabe, *logos* guarda a mesma raiz que *legein*, “dizer”, “falar”, mas também “recolher”. A língua grega possui uma característica especial, que é o aspecto; por meio dela se mostra se um verbo é indica uma ação contínua ou uma tal que ocorreu uma só vez; caso a ação ocorra uma única vez, se utiliza o aoristo, uma modalidade do aspecto. O aoristo de *legein* é *eipein*. Berge, e também Chantraine (1968), apontam as relações entre *eipein* e o *epos*, a linguagem da épica, a qual, como se sabe, foi a *paideia* dos gregos clássicos, através de Homero, que descreve o passado dos helenos, e de Hesíodo, que sistematiza a mitologia. Ambos os poetas nos dão indicações de como organizar a sociedade, de como se deve seguir a lei (*Themis*). Heráclito critica abertamente os poetas, e propõe uma nova explicação do mundo, como também o fizeram todos os filósofos anteriores e posteriores.

Neste ínterim, salienta-se Platão, que criou uma das propostas mais conhecidas sobre como organizar a sociedade. Em Platão, como em outros filósofos, a nova organização da sociedade, fundada nos poderes da razão, pautava-se em uma *paideia*, que redundava em uma ética e em uma política. As filosofias antigas

baseavam-se em uma lógica, que, por sua vez, dava origem a uma filosofia da natureza, de onde se extraía uma ética, logo, uma política. Ou seja, o pensamento filosófico entretinha vivas relações com a prática política; nada de astrólogos caindo no poço; muito ao contrário, reformadores sociais e pregadores buscando engendrar uma nova sociedade.

### O conceito filosófico de estratégia

Durante uma discussão, uma interlocutora de Foucault, C. Millot, comentando o então recém-saído do prelo *Histoire de la sexualité I*, aponta que, neste livro Foucault indica a existência de uma estratégia sem sujeito (*stratégie sans sujet*) no que tange à sexualidade (FOUCAULT, 1994, pp. 298-329). De que se trata? O conceito é válido? Foucault realmente formulou um pensamento nestes termos?

O conceito de estratégia não costuma ser especialmente ligado a Foucault; outras noções, como biopolítica, parecem ser mais comentadas e entendidas como notadamente foucaultianas. Para que tenhamos uma ideia, Castro (CASTRO, 2016, pp. 151-152) em seu inventário do instrumental analítico foucaultiano, reserva meia página para o conceito de estratégia, distinguindo alguns usos deste. Para ele, em Foucault encontramos três diferentes aplicações do conceito de estratégia: o primeiro seria relativo à racionalidade utilizada para se atingir determinados fins; o segundo seria relativo aos movimentos empregados por um jogador em dado jogo; por fim, indicaria as formas através das quais nós impedimos o inimigo de se valer de instrumentos de combate, o que seria a garantia de nossa própria vitória.

A nosso ver, se assim fosse, talvez não devêssemos procurar em Foucault uma teoria da estratégia, visto que outros autores, contemporâneos do próprio Foucault, como Liddel Hart (1961) e Beaufre (2004), nos fornecem sólidos apontamentos sobre o que é a estratégia. Mas a pista de Millot é forte, exigindo investigação para sabermos se sua ideia é aplicável e válida, indicando assim outra noção de estratégia no pensamento de Foucault, uma estratégia sem sujeito.

Caso analisemos os principais livros genealógicos de Foucault, como *Surveiller et punir* e a própria *Histoire de la sexualité*, encontramos certas ideias sobre a formação das sociedades contemporâneas, notadamente a francesa, mas que podem ser ampliadas para todo o Ocidente, por extensão para o Brasil também, dada a influência que a Europa teve e tem na formulação política do país, ex-colônia jurídica, como se sabe. Em *Surveillance et punir* Foucault mostra como certa forma de punição de crimes, a prisão, foi aos poucos, durante o século XIX se instaurando como a punição por excelência, e a correlata constituição de certos sujeitos, os carcerários, no mesmo movimento. Da mesma forma, na *Histoire de la sexualité* trata-se de expor como, no seio de uma biopolítica crescente, a sexualidade foi enquadrada, visando criar determinados tipos de sujeito. Estas pesquisas de Foucault foram consideradas parte de uma ontologia do presente, onde, por herança

do pensamento crítico kantiano, nos indagamos o que estamos fazendo de nós mesmos, ou seja, qual nosso devir. Millot vê nestas posições de Foucault uma estratégia sem sujeito.

É de conhecimento público que Foucault não expôs longamente as bases do método que o sustentava quando destas produções. É também sabido que ele evitava este método posto considerar que uma teoria totalitária conduz a uma sociedade totalitária. Contudo, somos filósofos, trabalhamos com teses abstratas, de modo que buscaremos generalizar as posições de Foucault para proposições mais universais, a fim de tentar mostrar como este conceito marginal em sua obra, *stratégie sans sujet*, que, afinal de contas, nem mesmo foi formulado por ele, pode servir para entender suas posições.

Foucault publicou, no começo da década de 70, um pequeno texto onde ele comenta a genealogia (FOUCAULT, 2001, p. 1004). Neste texto, ele nos apresenta uma sistematização do pensamento de Nietzsche e certas posições que podemos considerar ontológicas. Por exemplo, que o mundo se resolve em conflitos, que não há nem teleologia nem fundamento na história. Para ele, a compreensão dos fatos históricos se resolve em um duplo movimento, a análise de sua emergência e de sua proveniência. Diante destas posições, podemos abstrair. O mundo é constituído de conflitos entre diferentes forças. É no clarão destes conflitos que as coisas emergem, guardando sua origem erística. Quer dizer, as coisas estão em permanente correlação de forças. É a correlação que determina seu caráter. Enquanto correlação, as coisas estão em uma posição tática; como esta correlação há de definir seu devir, guarda características estratégicas, visto que a estratégia é certa relação entre meios e fins. Como não há uma mente por trás dos conflitos, determinando quem perde e quem ganha, à moda do gênio maligno cartesiano (digamos, um gênio estrategista), podemos falar que se trata de uma estratégia sem sujeito. Contudo, como o termo “estratégia sem sujeito” dá a entender que não há sujeitos envolvidos, quando os há, podemos propor outro nome mais palatável, como *estratégia histórica*.

Nesse sentido, a biopolítica seria uma estratégia histórica, como também a constituição do mundo carcerário, o internamento dos loucos, etc. Viveríamos em permanente conflito, lutando para que nossas posições se sobreponham às do adversário e, assim, possamos plasmar outra sociedade. Como para Foucault nem mesmo o sujeito é natural, mas social, estamos tratando também da constituição de sujeitos. A estratégia, desta forma, abandona a prancheta dos generais para se tornar conceito filosófico de primeira grandeza, definindo assim, o que somos, nos marcos de uma ontologia do presente.

Determinar o futuro, deste modo, passa por dois movimentos: primeiro, conceber uma tática que nos permita intervir no presente, plasmando sujeitos e alterando as plagas do real; e, de outro modo, definindo uma estratégia, que condiga com esta tática, de modo que em sua interação dinâmica, o mundo novo possa

surgir. Abandonamos, pois, uma visão teleológica da história, segundo a qual nossos objetivos já estariam dados desde sempre, para adotar uma visão estratégica: o futuro será o que fizermos dele desde já.

### A filosofia como estratégia

Se o destino está em aberto; se ele há de devir o que a correlação de forças determinar; enfim, se somos senhores de nosso futuro em um marco conflitivo, qual o papel da filosofia nesse ínterim? Vimos que, em seus primórdios, a filosofia se opôs a uma sociedade governada pelos mitos, quer dizer, pela religião tradicional grega, em benefício de uma outra sociedade, governada pela razão (o *logos*). A própria filologia nos esclarece. A lei, em Hesíodo, é pensada enquanto *Themis*, uma divindade. Já para a filosofia será pensada em termos de *nomos*, termo que guarda relação com o verbo *nemein*, pastar, e primitivamente se ligava à repartição de terras (PRATES E SILVA, 1992). Não que o mito não seja racional; mas ele apela para verdades reveladas, dota o mundo de vontade e antropomorfiza os deuses. É o contrário de buscar explicar um mundo segundo um *logos*, quer dizer, uma proporção, uma racionalidade. Afinal, os raios são um caso meteorológico ou divino? A filosofia desencadeou um processo de explicação do mundo, de busca de seu *logos*.

Assim agindo, a filosofia intentava formar determinado tipo de sujeitos. Segundo Aristóteles, é na vida contemplativa que se pode encontrar a mais alta felicidade, mesmo aquilo que distingue o humano do meramente animal (ARISTÓTELES, 1094a-1081b). Eram seres humanos aptos à liberdade, às escolhas racionais, pautados nas evidências, que a filosofia intentava. Mesmo quando ela se imiscuiu profundamente com a religião oriental, em Alexandria, dando origem ao que viria ser a filosofia medieval, misturando filosofia e teologia, a religião quis se provar racional, transformando, com Fílon, o *logos* do *kosmos* em *logos* divino.

Se a filosofia surgiu em um mundo regrado pela religião e apontou para outro, regrado pela razão, não podemos, pois, entender a filosofia como uma estratégia histórica? Na verdade, talvez, como metaestratégia na medida em que de suas produções se originaram as ciências, estas sim estratégias, que, desde meados da Revolução Industrial, vem sobremaneira alterando o globo e melhorando significativamente o nível de vida das populações mundo afora. Não queremos dizer que a filosofia seja o motor da história, longe disso; mas que ela cumpriu seu papel na defesa da razão, no desenvolvimento desta e na aplicação dos princípios descobertos pela ciência no processo produtivo - isto é inequívoco. Sem contar o fato de que o regime político sobre o qual boa parte do mundo vive, a democracia liberal, ter se originado da produção teórica de determinados sujeitos, os filósofos, assim como seus alicerces jurídicos. A filosofia seria uma metaestratégia, na medida

em que comporta múltiplas, como o anarquismo, o comunismo e, gostemos ou não, o fascismo.

### **A periculosidade da filosofia**

O título deste texto homenageia o livro de Loparic (1990) sobre Heidegger, onde o renomado filósofo brasileiro avalia o pensador alemão à luz do primeiro livro de Farias sobre o teutônico, que mostrava os profundos vínculos deste com o nazismo. Em seu livro, Loparic defendia Heidegger, afirmando que a filosofia se torna perigosa a partir do momento em que suas posições são absolutizadas, eliminando o espaço ao contraditório.

Há pensadores progressistas, pensadores reacionários, conservadores, etc. Alguns se fiam em teses reveladas, outros em textos sagrados, outros ainda na ciência. Lukács (1959), em seu estudo sobre o irracionalismo, chega a defender que haveria um movimento de negação da razão da filosofia contemporânea, razão esta que teria atingido seu ápice com o materialismo histórico dialético, herdeiro dileto da filosofia hegeliana. Um dos traços deste irracionalismo que Lukács aborda seria a defesa, por exemplo, da intuição como mecanismo privilegiado do conhecimento, traço este difundido pela filosofia contemporânea. Outra característica do irracionalismo, esta mais importante, seria defender posições retrógradas diante das crises sociais, ao invés de defender os avanços, que Lukács entende serem o socialismo.

As questões permitem múltiplas respostas, seja no campo das ciências naturais, mais ainda no campo das ciências humanas, que lida não só com o *logos* do mundo, mas com a liberdade de ação e seu corolário, o interesse. Ligada a interesses variados, a filosofia oscila, dentro de um mesmo marco histórico, defendendo posições múltiplas, mesmo quando postula, racionalmente, que nos pautemos na intuição irracional, como aponta Lukács; ou seja, a defesa de uma tese filosófica implica já a utilização da razão; como falar em irracionalismo nestes marcos?

Malgrado isto, hoje, no Brasil, ao mesmo tempo que o governo de extrema-direita ataca a filosofia, seus defensores se fiam nas produções de um autoproclamado filósofo — com razão, ou não. Não à toa; para a massa de trabalhadores brasileiros, nada de filosofia na escola, este exercício de pensamento crítico, mas religião e verdades reveladas; para aqueles que puderem pagar, cursos de filosofia no exterior. É porque os interesses que o governo vem defendendo são nefastos à maioria da população, ao popugnar uma lógica econômico-social que somente agrava as mazelas brasileiras e não nos conduzem à solução dos problemas históricos que enfrentamos enquanto país latino-americano outrora escravagista. Mas não se trata de irracionalismo; ao contrário, há um uso primoroso e bem pensado das técnicas de comunicação mais modernas. No campo econômico, o governo está de acordo com a última moda da ciência econômica. Se atacam a

filosofia, é porque se apoiam em um pensamento que acredita que, por meio da liberdade econômica aos grandes capitais, a sociedade progride. Foucault analisou o neoliberalismo, mostrando como sua lógica é replicável até mesmo em análises sociais, de modo que o neoliberalismo aponta para uma sociedade de outro tipo, onde capital já seria capital humano, e a propriedade privada, erigida em fundamento sacrossanto, seria o centro da nova sociedade. Trata-se de uma filosofia agindo, o liberalismo radical, a serviço de grandes interesses, e fundado em uma ciência que se pretende a única no campo da economia, a ortodoxia. Se o governo atrita com os cientistas é pela sua concepção da inserção do Brasil na divisão internacional do trabalho enquanto produtor de bens primários, não de ciência, que não seria a vantagem comparativa do Brasil.

A filosofia é perigosa porque ela forma sujeitos, que agirão na sociedade segundo seus próprios interesses, os quais a filosofia ela mesma ajuda a plasmar. Em um tempo marcado pelo cristianismo, defensor da radical igualdade dos homens, da Revolução Francesa, propagadora desta igualdade, e das Revoluções Russa, que tenta aplicar este valor, não seria o caso dos interesses do sujeito serem guiados por estes princípios? Não seria porque boa parte da filosofia contemporânea orientou-se para a afirmação nodal da igualdade e do exercício crítico da razão, que afirma que os homens são iguais, de modo a que não privilegie nenhum interesse acima do bem público; enfim, não seriam estes os valores que fazem com que a filosofia no Brasil seja perseguida, em um país o interesse público é constantemente apequenado em benefício das negociatas secretas, dos interesses ocultos e dos *slogans* televisivos? Assim, os defensores dos interesses escusos se apoiam em valores tradicionais da população, fruto de um sistema de ensino debilitado, para defender posições que prejudicam esta mesma população, ao mesmo tempo em que se colocam como apóstolos dos valores os quais, na prática, são negados. A radical contradição desta postura não deve espantar; no Brasil, ela é a regra, fruto do próprio jogo político, onde interesses particulares tentam se vender como públicos.

Organizar o contrataque é tarefa da filosofia, na medida em que, a partir dos valores que a própria filosofia ajudou a construir, como a igualdade entre os homens, e da defesa do exercício crítico da razão e do bem comum, possamos amearhar um exército, cuja estratégia é a consecução daquela vertente da filosofia que, após séculos — e com dissidências é claro —, concluiu que os homens são iguais e merecem possuir os mesmos direitos e deveres, o que implica uma radicalização da democracia, e uma democracia que não seja somente política, mas econômica. Por ter se orientado à defesa destes valores é que a filosofia se tornou perigosa.

## Referências

ARISTOTELIS. *Ethica Nicomachea*. Great Britain: Oxford University Press, 1962.

- BEAUFRE, A. *Introdução à estratégia*. Lisboa: Silabo, 2004.
- BERGE, D. *O logos heraclítico: introdução à leitura dos fragmentos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1969.
- CASTRO, E. *Vocabulário Foucault*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque. Histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1968.
- FARIAS, V. *Heidegger e sua Herança*. São Paulo: É Realizações, 2017.
- FOUCAULT, M. *Histoire de la sexualité - la volonté de savoir*. Paris: Gallimard, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Dits et écrits I 1954-1975 v. I*. Paris: Gallimard, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Surveiller et punir: naissance de la prison*. Paris: Gallimard, 2011 .
- HART, B. L. *Strategy*. New York: Meridian Book, 1991.
- HEIDEGGER, M. *Qu'est-ce que ce la philosophie?* Paris: Gallimard, 1957.
- LIZAR, A. *De Kautilya: o Arthashastra, a ciência da política*. Rio de Janeiro: s.e., 2015.
- LOPÁRIC, Z. *Heidegger réu – um ensaio sobre a periculosidade da filosofia*. Campinas, SP: Papirus, 1990.
- LUKÁCS, G. *El asalto a la razón*. México: Fondo de Cultura Económica, 1959.
- PRATES E SILVA, R. C. B. *A justiça cósmica (um estudo sobre Anaximandro de Mileto)*. Tese de Livre-docência, Araraquara: FCL-UNESP, 1992
- TOYNBEE, A. *The world and the West*. London: Oxford University Press, 1952.
- \_\_\_\_\_. *Helenismo — história de uma civilização*. RJ: Zahar Editores, 1960.
- VERNANT, J.-P. *Les origines de la pensée grecque*. Paris: PUF, 1962.
- YIH-CHUNG, C. *La philosophie chinoise*. Paris: PUF, 1961.